Darlei Dall'Agnol Léo Peruzzo Júnior Janyne Sattler Organizadores

Tractatus 100

Revisitando a obra de Wittgenstein



© 2022, Darlei Dall'Agnol, Léo Peruzzo Júnior e Janyne Sattler 2022, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito das Editoras

Pontificia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) Reitor

Ir. Rogério Renato Mateucci

Vice-Reitor Vidal Martine

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

PUCPRESS

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira Edição: Susan Cristine Trevisani dos Reis Edição de arte: Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Mayara Drobot da Silva Portela Revisão: Clarisse Lye Longhi

Capa e projeto gráfico: Rafael Matta Carnasciali

Diagramação: PUCPRESS

Conselho Editorial

Alex Vicentim Villas Boas

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn Cesar Candiotto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amissis Amorim

Eduardo Damião da Silva Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katva Kozicki Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Ir

Luis Salvador Petrucci Gnoato Marcia Carla Pereira Ribeiro Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira Ruy Inácio Neiva de Carvalho Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração – 6º andar Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

pucpress@pucpr.br

T776

2022

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Reitor

Ubaldo Cesar Balthazar

Vice-Reitora

Catia Regina Silva de Carvalho Pinto

EDITORA DA UFSC

Diretora-Executiva

Flavia Vicenzi

Conselho Editorial

Agripa Faria Alexandre Antonio de Pádua Carobrez Carolina Fernandes da Silva

Evelyn Winter da Silva

Fábio Augusto Morales Soares

Fernando Luís Peixoto

Ione Ribeiro Valle

Jeferson de Lima Tomazelli Josimari Telino de Lacerda

Luis Alberto Gómez

Marília de Nardin Budó Núbia Carelli Pereira de Avelar

Priscila de Oliveira Moraes

Sandro Braga

Vanessa Aparecida Alves de Lima

Editora da UFSC

Campus Universitário - Trindade CEP 88040-900 - Florianópolis / SC

Dados da Catalogação na Publicação Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Luci Eduarda Wielganczuk - CRB 9/1118

Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/PUCPR

Tel.: +55 (48) 3721-9408 editora@contato.ufsc.br www.editora.ufsc.br

Biblioteca Central

Dall'Agnol, Léo Peruzzo Júnior, Janyne Sattler. - Curitiba: PUCPRESS: EdUFSC, 2022.

Tel.: +55 (41) 3271-1701

Tractatus 100 : revisitando a obra de Wittgenstein / organizadores: Darlei

ISBN: 978-65-5385-015-6 (PUCPRESS) ISBN: 978-65-5385-012-5 (e-book PUCPRESS)

ISBN: 978-65-5805-065-0 (EdUFSC) Inclui bibliografias

1. Wittgenstein, Ludwig, 1889-1951. 2. Filosofia austríaca. I. Dall'Agnol, Darlei. II. Peruzzo Júnior, Léo. III. Sattler, Janyne.

22-124 CDD 20. ed. - 193

SUMÁRIO

APRESEN IAÇAO5
Darlei Dall'Agnol, Léo Peruzzo Júnior e Janyne Sattler
A PRESENÇA DE RUSSELL NO PENSAMENTO DE WITTGENSTEIN 11 Alejandro Tomasini Bassols
MPRESSÕES SOBRE O TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS31 Arturo Fatturi
TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS: LIMITES E AMPLITUDE DO CONHECIMENTO45 Bortolo Valle
O SENTIDO POSITIVO DO CONTRASSENSO: UMA LEITURA DO TRACTATUS, DE WITTGENSTEIN, CONTRA A IDEIA DO AUTORREPÚDIO61 Danièle Moyal-Sharrock
O VALOR DO SILÊNCIO: SOBRE O QUE & COMO SE DEVE CALAR95 Darlei Dall'Agnol
OS SONS DO SILÊNCIO. OBSERVAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO INEFÁVEL NO TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS111 David Pérez Chico
OS SISTEMAS DE PONTOS MATERIAIS DE H. HERTZ E A ONTOLOGIA DO <i>TRACTATUS</i> DE L. WITTGENSTEIN137 Eduardo Simões
O SEM SENTIDO NÃO É UM CONTRASSENSO: UMA ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS DE " <i>SINNLOS</i> "155 Janyne Sattler

TRACTATUS, 6.3751	171
A CONSTITUIÇÃO SERIAL DO SENTIDO João Vergílio Gallerani Cuter	.185
SOLIPSISMO E OS LIMITES DO SENTIDO NO TRACTATUS Jônadas Techio	.193
WITTGENSTEIN E O SOLIPSISMO: UM VELHO NOME PARA UM NOVO PROBLEMALéo Peruzzo Júnior	. 217
O TRACTATUS E A INDIFERENÇA DE DEUS COM RELAÇÃO AO MUNDO: NOTAS SOBRE O AFORISMA 6.432 Marciano Adilio Spica	236
O KIERKEGAARD KRAUSIANO DE WITTGENSTEIN À ÉPOCA DO TRACTATUS	249
BREVES OBSERVAÇÕES SOBRE O SENTIMENTO MÍSTICO NO TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS E SEUS DESDOBRAMENTOS NA OBRA DE WITTGENSTEIN	265
SOBRE OS AUTORES	279

Apresentação

Há 100 anos, Ludwig Wittgenstein, depois de várias tentativas. finalmente conseguia publicar o seu livro Logisch-Philosophische Abhandlung (1921), mais tarde rebatizado com o título latino *Tractatus* Logico-Philosophicus (TLP) pelo qual é conhecido até hoje. Completado três anos antes, em plena guerra mundial, a obra tornou-se um clássico da filosofia contemporânea. O centenário de sua publicação é um excelente motivo não apenas para (re)lê-lo, mas também para refletir sobre a história de suas recepções e, eventualmente, repensar sobre as interpretações feitas até agora. Acima de tudo, claro, é uma oportunidade para avaliar as contribuições dessa obra ímpar do pensamento filosófico. Afinal, o que o livro de Wittgenstein tem ainda a nos dizer (ou *mostrar*) cem anos depois de ter sido publicado? Uma resposta a essa pergunta depende, obviamente, não apenas de uma interpretação adequada do Tractatus, mas também de uma análise das revisões e críticas feitas posteriormente pelo próprio Wittgenstein – que continuam gerando discussões profícuas.

Acreditamos que existem três grandes momentos de recepção do *Tractatus Logico-Philosophicus*. Em primeiro lugar, o livro foi interpretado a partir do logicismo de Frege e Russell, ou seja, da tentativa de reduzir a matemática à lógica. Em um segundo momento, o livro foi associado com o Círculo de Viena e ao seu programa cientificista do qual faziam parte eminentes pensadores, tais como: Schlick, Waissman, Gödel etc. Finalmente, surgiu no final do Século XX uma interpretação do sentido mais amplo da obra centrada nas suas contribuições éticas associando o TLP a autores como Kierkegaard, Schopenhauer, Tolstoi etc. A seguir, reconstruiremos os principais pontos desses três momentos procurando mostrar que a atualidade do *Tractatus* pode ser percebida nas discussões sobre o seu sentido ético. Com isso, procuramos prestar uma singela homenagem ao centenário da primeira grande obra filosófica de Wittgenstein.

O programa logicista, brevemente caracterizado, é o projeto que visa a mostrar que a matemática, em especial a aritmética, pode ser reduzida à lógica. Esse programa poderia, segundo seus proponentes, em especial Frege e Russell, ser feito a partir da construção de um simbolismo logicamente perfeito. De fato, é possível encontrar no TLP algumas

observações que podem ter levado à interpretação logicista: "A matemática é um método da lógica" (6.234). Além disso, no prefácio de sua obra, Wittgenstein menciona explicitamente Frege e Russell como autores que motivaram seus pensamentos e, em carta a este último, revela ter resolvido "nossos problemas". Agora, a famosa *Introdução* escrita por Russell como condição do editor para publicar o TLP revela que a leitura logicista foi enviesada, pois Wittgenstein não estava interessado em construir um simbolismo perfeito, mas apenas em estabelecer as condições necessárias e suficientes para que uma proposição tivesse sentido. Alguns capítulos deste livro discutem, direta ou indiretamente, aspectos da presença de Russell na primeira obra de Wittgenstein.

A leitura neopositivista do Tractatus deve-se, em grande medida, aos contatos de Wittgenstein, primeiramente com Moritz Schlick e, na sequência, com Friedrich Waismann. Assim, seguindo uma interpretação particular, o Manifesto do Círculo de Viena apontará, por um lado, que a filosofia metafísica é recusada pela concepção científica de mundo e, por outro, que a "origem lógica dos descaminhos metafísicos", como encontrada nos trabalhos de Russell e Wittgenstein, consiste em dois erros lógicos fundamentais: "um vinculado demasiadamente estreito com a forma das linguagens tradicionais e a ausência de clareza quanto à realização lógica do pensamento" e, o outro, "na concepção de que o pensamento possa conduzir a conhecimentos a partir de si, sem a utilização de qualquer material empírico, ou que possa, ao menos, a partir de estados de coisa dados alcançar conteúdos novos, mediante inferência". Embora Wittgenstein tenha relutado contra eles por quase uma década até seu rompimento definitivo, os neopositivistas se apropriaram de passagens do Tractatus como "a realidade é comparada com a proposição" (4.05), "a proposição pode ser verdadeira ou falsa só por ser uma figuração da realidade" (4.06) e "o fim da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos. A filosofia não é uma teoria, mas uma atividade" (4.112) para sustentar que uma redução verificacionista poderia indicar o sentido dos enunciados científicos.

Os neopositivistas lógicos, pelo menos em um primeiro momento, aspiravam a hipótese de que uma *teoria unificada da ciência* exigiria uma clara demarcação entre as proposições científicas e os enunciados metafísicos. Por isso, na essência da nova concepção científica do mundo não se estabeleceriam "proposições filosóficas" próprias, mas

apenas esclareceriam o caráter absurdo de certos tipos de enunciados. Schlick, por exemplo, ao abrir o primeiro volume da revista *Erkenntnis* discutindo algumas teses centrais do *Tractatus*, em 1930, afirmou que Wittgenstein teria encerrado discussões milenares entre os filósofos. Por isso, ao pretenderem reconduzir a linguagem do calor metafísico às "montanhas geladas da lógica", como afirmam, os neopositivistas também enxergaram no *Tractatus* a necessária aversão à filosofia sistemática e, consequentemente, o solo para nutrir o argumento de que não há filosofia como ciência fundamental ou universal ao lado ou sobre os diferentes domínios da ciência empírica. Alguns capítulos deste livro abordam questões epistêmicas e de filosofia da ciência a partir das contribuições do *Tractatus Logico-Philosophicus*.

A interpretação ética do *Tractatus* foi, primeiramente, desenvolvida a partir de cartas do próprio Wittgenstein sobre o que pretendera alcançar com a sua obra. Foi a partir desse depoimento que ficamos, por exemplo, sabendo que o livro era composto de duas partes: a escrita, efetivamente, e uma segunda parte não escrita, mas importante, que exibia "o sentido ético" do TLP. Essa primeira indicação foi explorada por autores que procuraram mostrar as diferenças significativas do logicismo de Russell e Frege e do programa cientificista do Círculo de Viena com a atitude ética de Wittgenstein. A partir da década de 1970, então, uma série de publicações de artigos e livros (incluindo a *Conferência sobre ética* do próprio Wittgenstein) procuravam interpretar e discutir criticamente as observações finais do *Tractatus* sobre o sujeito volitivo e os limites da linguagem, o místico, a natureza transcendental da Ética, a busca da felicidade, o sentido da vida e a morte, Deus, o valor do silêncio etc. No centenário da obra de Wittgenstein, esses temas continuam inquietando seus leitores.

Como podemos perceber no presente volume, a maioria das contribuições não discute problemas de lógica ou epistemologia, mas trata, no sentido amplo, de temas éticos. Sem querer menosprezar as contribuições importantes de Wittgenstein à filosofia teórica, o que transparece neste centenário de publicação do *Tractatus* é que seu interesse renovado e seu impacto atual consiste exatamente naquilo que a leitura logicista ou positivista não foi capaz de captar: "Sentimos que, mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados" (6.52). Isso não significa que esteja claro de uma vez por todas o que Wittgenstein quis

mostrar com sua obra. Significa apenas que o livro não é apenas um clássico da filosofia, mas mantém vitalidade capaz de motivar as pessoas a buscarem uma compreensão mais acurada de suas contribuições. Oxalá os trabalhos publicados neste volume ajudem a fazer uma (re)leitura frutífera da primeira obra de Wittgenstein.

Gostaríamos de agradecer a todas as pessoas que contribuíram para este volume e também às que foram convidadas e tentaram fazê-lo, mas, por motivos compreensíveis nestes tempos difíceis, não conseguiram. Registramos também, de forma especial, o apoio recebido dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR e da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, bem como às Editoras PUCPRESS e EdUFSC por acreditarem no projeto. Esperamos que este livro possa colaborar com os estudos wittgensteinianos e, acima de tudo, motivar as pessoas a lerem o *Tractatus Logico-Philosophicus* e discutir criticamente as suas possíveis contribuições para a filosofia.

Curitiba/Florianópolis, 10 de agosto de 2021.

Darlei Dall'Agnol – UFSC Léo Peruzzo Júnior – PUCPR Janyne Sattler – UFSC E mundo é tudo o que é o caso. O que é o caso, o fato, é a existência d A figuração lógica dos fatos é o pen O pensamento é a proposição com sen A proposição é uma função de verda elementares. A proposição elementa desimesma A forma geral da função de verdade torma geral da proposição. Sobre aquilo de que não se pode deve-se calar. A forma geral da função de verdade forma geral da proposição. Pobre aquilo de que não se podo O que é o caso, o fato, é a existência d A figuração lógica dos fatos é o pen Densamento é a proposição com sen A proposição é uma função de verda elementares. (A proposição elementa de si mesma). A forma geral da função de verdade forma geral da proposição. Sobre aquilo de que não se podo deve-se calaz. A forma geral da função de verdade forma geral da proposição. Sobre aquilo de que não se pode

E munao e tuao o que e o caso.

A presença de Russell no pensamento de Wittgenstein¹

Alejandro Tomasini Bassols

I) INTRODUÇÃO

Imaginemos um historiador que se propõe a reconstruir a história da Revolução Bolchevique e no seu texto menciona, de maneira detalhada e convincente, a Sverdlov, a Trotsky e o tratado de Brest-Litovsk, a Stalin, o Czarismo e suas fraquezas, os problemas do campesinato, a Primeira Guerra Mundial, a intervenção estrangeira e assim por diante, porém em nenhum momento aparece o nome de Lenin. Qual seria a reação normal e espontânea com relação à reconstrução? Creio que qualquer pessoa com mínimo conhecimento sobre história reagiria da seguinte forma: "Certamente há algo errado aqui. Tudo que o autor afirma está correto, mas obviamente tem algo faltando nessa reconstrução. Assim como está, é simplesmente incompleto. Sem considerar a participação de Lenin, a Revolução de Outubro fica sem explicação!". Deixando de lado o interessante assunto do papel dos heróis na história, tenho certeza de que todos concordariam instintivamente com a crítica: mesmo que tudo dito pelo autor esteja correto, se o papel de Lenin no fenômeno acima não for levado em consideração, tal fato simplesmente fica sem explicação e, portanto, não pode ser entendido corretamente. A participação de Lenin no tão complexo processo que foi a Revolução Russa simplesmente não pode ser ignorada.

Desejo sustentar que, *mutatis mutandis*, acontece exatamente a mesma coisa, de um lado com Bertrand Russell e do outro com o surgimento e a evolução do pensamento de Ludwig Wittgenstein. Assim, argumento que, embora a produção filosófica de Wittgenstein seja

¹ Este texto foi traduzido por Léo Peruzzo Júnior.

inteligível por si só, há uma maneira pela qual sua realidade, sua existência e o próprio fato de ter sido produzida permanecem inexplicados. a menos que de alguma forma sua dívida com o pensamento de Russell seja abertamente reconhecida. Claramente, no meu ponto de vista, as relações pessoais de Russell e Wittgenstein surgem e podem ser mais bem compreendidas por meio do estudo de sua relação filosófica (e, posteriormente, também mediante suas posturas políticas opostas). Assim, o estudo do segundo lança uma luz sobre o primeiro, e não o contrário - o que é normalmente presumido e tido como certo. Agora, ao contrário da interpretação tradicional, a perspectiva que desejo defender nesse ensaio não é apenas a declaração mais ou menos vaga de que Russell teve algo a ver com o nascimento e desenvolvimento do pensamento de Wittgenstein, mas sim a possibilidade de argumentar concretamente que a produção filosófica de Russell foi simplesmente decisiva para Wittgenstein. Em outras palavras, olhando essa questão retrospectivamente e com o intuito de elaborar algo de um equilíbrio geral e objetivo, penso que é possível demonstrar que Russell era nada menos que uma conditio sine qua non para Wittgenstein florescer filosoficamente e para lhe permitir produzir sua grande obra, o Tractatus Logico-Philosophicus.

Além disso, argumento que, embora de maneira diferente, a presença de Russell no pensamento de Wittgenstein também é fundamental em seu segundo grande período filosófico. De fato, diria que a influência de Russell sobre Wittgenstein teve, por assim dizer, duas modalidades: uma positiva e uma negativa, sendo ambas igualmente importantes – e por razões que não posso considerar neste ensaio, a influência negativa praticamente invisível de Russell teve consequências mais transcendentes do que a óbvia e bem conhecida influência positiva. Por outro lado, a visão que desejo apresentar aqui não pode ser estabelecida por meio de uma sequência de afirmações despreocupadas, por mais razoáveis ou inteligentes que possam parecer. Em vez disso, é necessário "demonstrar", e é precisamente isso que tentarei fazer. No entanto, a demonstração necessária somente pode ser realizada apresentando e analisando uma variedade de exemplos concretos. Obviamente, sempre será possível aumentar a lista de casos para fortalecer minha proposta, mas acredito que os exemplos analisados aqui serão suficientes para deixar minha posição solidamente estabelecida. Entretanto, como simples observação metodológica, pode ser importante observar que seria irrelevante tentar refutar minha perspectiva enumerando os resultados filosóficos obtidos por Wittgenstein de maneira totalmente independente. O que sustento está longe de ser incompatível com a ideia de que Wittgenstein chegou a importantes posições filosóficas por si só. Seria simplesmente absurdo tentar negar tal realidade. O que defendo é simplesmente que a rejeição do meu argumento somente pode ser feita com êxito se for demonstrado que a obra de Russell é completamente **irrelevante** para as filosofias de Wittgenstein, o que entraria imediatamente em conflito com o que o próprio autor reconhece². Se o que ele diz representa ou não uma vantagem para o meu ponto de vista é uma questão que não abordarei.

II) A INFLUÊNCIA POSITIVA DE RUSSELL

Começarei apontando que "influência", como "careca", é uma palavra cujo significado é essencialmente vago ou indeterminado. A expressão "influenciar alguém" pode aludir a uma variedade de situações. Podemos utilizá-la para dizer, por exemplo, que A direcionou a atenção de B para algo, que A inspirou B com relação a um determinado assunto, que A convenceu B a olhar para uma situação em particular de uma determinada maneira, que A o levou a adotar uma determinada atitude relacionada a pessoas ou animais, que A o induziu a agir de tal maneira... tudo isso mesmo que mais tarde B acabe tendo perspectivas alternativas ou divergentes de A. Com isso em mente, podemos começar a trabalhar nosso próprio ponto de vista.

Mesmo que seja um fato o contato de Wittgenstein com a literatura filosófica antes de sua chegada em Cambridge, em 1911, é igualmente inegável que Bertrand Russell o apresentou ao reino da filosofia profissional, de alto nível e técnica. De fato, como se sabe, o que despertou o interesse de Wittgenstein pelos assuntos filosóficos e, em particular, pelos problemas relativos à lógica e aos fundamentos da matemática, foi o livro *Os Princípios da Matemática*, de Russell. Assim, mesmo que – como o próprio Russell foi o primeiro a reconhecer – após um ano de estudo com ele Wittgenstein praticamente tenha deixado de ser seu aluno, durante todo o seu primeiro ano em Cambridge, desde o outono de 1911, Wittgenstein *foi* pupilo de Russell. Na época em que Wittgenstein se tornara filosoficamente independente de Russell, ele trabalhava

² Ver, por exemplo, Ludwig Wittgenstein, Culture and Value. Oxford: Blackwell, 1980, p. 19.

ste livro reúne reflexões atuais de pesquisadores e pesquisadoras dedicados a variados aspectos da filosofia de Ludwig Wittgenstein, em celebração ao centenário do Tractatus Logico-Philosophicus, e corrobora não apenas a persistente relevância do livro para a filosofia contemporânea como também a proficuidade de suas temáticas e de suas lições metodológicas. As diferentes abordagens dos autores e das autoras presentes elucidam ainda a complexidade exegética da obra e as profundas imbricações filosófico-culturais, linguísticas, literárias e críticas que atravessam o pensamento do filósofo austríaco. De Kierkegaard a Kraus, do místico à lógica, da ética ao silêncio, do solipsismo ao contrassenso, os textos deste volume ampliam e aprofundam as camadas interpretativas e analíticas sobre uma das mais importantes obras filosóficas do século XX.





